

**DROGAS, MORTES E *ROCK AND ROLL*: ALGUMAS REPRESENTAÇÕES NA
IMPrensa BRASILEIRA E PORTUGUESA (1970-1985)**

Paulo Gustavo da Encarnação

Doutor em História pela FCL/Unesp-Assis

Pós-doutorando pelo PPGH/PUC/SP, bolsista Capes

E-mail: pgustavoe@yahoo.com.br

Este texto é fruto de nossa pesquisa de pós-doutorado em História, desenvolvida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com bolsa Capes, a qual tem como objetivo pesquisar e interpretar comparativamente a relação entre *rock*, drogas e imprensa no Brasil e Portugal entre 1970 a 1985.

Muita da imagem do roqueiro, por exemplo, durante os anos 1960 e 1970 foi muito associada a partir de referências dos The Beatles, Rolling Stones, de bandas do *rock psicodélico*, de *hard rock* e das associações com comportamentos do movimento *hippie* e da contracultura. Ainda nos anos 1970 e durante os 1980, outros atributos foram somados à imagem e ao estereótipo em decorrência da popularização, em diversas partes do mundo, do *heavy metal* e do *punk rock*, inclusive muitos deles se mantendo até os dias atuais no senso comum sobre o *rock* e o roqueiro (ENCARNAÇÃO, 2015. p. 74).

O *rock*¹, especialmente, a partir do início da década de 1960 foi sendo também associado às drogas como, na mesma medida, foi incorporando tal estereótipo comportamental por muitos roqueiros. Desde seu surgimento, e com especial destaque para os anos 1970, o *rock* no mundo, acabou sendo, em parte, também associado à violência e, inclusive, à morte, sejam as de músicos, como Janis Joplin, Jimi Hendrix, Jim

¹ O *rock and roll* nasceu da mistura de alguns ingredientes e da “miscigenação” da música americana, ou seja, do *rhythm & blues*, derivado do *blues* rural, e tendo acompanhamento de guitarras elétricas, dos guetos negros das grandes cidades americanas, mais o *country* que era a música rural do “branco pobre” dos Estados Unidos e o *western* do Oeste. A partir de 1963, especialmente com os The Beatles, o gênero passa a ser conhecido e denominado como *rock* por abranger e captar vários ritmos e tendências musicais. Portanto, “*rock* é um rótulo para a imensa variedade de estilos desenvolvidos a partir do *rock and roll*”, (SHUKER, 1999, p. 249). Ver em especial: (CHACON, 1995; FRIEDLANDER, 2003; MUGGIATI, 1981).

Morrison, Brian Jones, entre outros, sejam as de fãs, geralmente relacionadas ou ocorridas em participação deles em festivais ou shows de *rock* (ENCARNAÇÃO, 2018).

Muitas vezes em shows e festivais de *rock*, a imprensa fazia associação esses eventos com mortes e sobretudo drogas. Houve, sem dúvida, casos de morte em shows e festivais do gênero. Mas o interessante é a representação sobre morte e *rock*. “*Rock* faz mortos e feridos”, na Argentina (*Diário de Notícias*, 22/12/1984) “Show de *rock*: onze mortos”, (*O Estado de S. Paulo*, 05/12/1979), “Morreram espezinhas onze pessoas num concerto do grupo britânico ‘The Who’” (*Diário Popular*, 04/12/1979)². Mas é sobretudo com a temática das drogas que vou alicerçar meu texto.

É importante destacar que o objetivo deste trabalho não é ocupar um posicionamento maniqueísta a respeito do tema, ou seja, demonizar o tema e muito menos ser o bastião da salvaguarda e/ou o porta-estandarte das drogas. Nosso objetivo é analisar comparativamente, por meio de matérias publicadas na imprensa brasileira e portuguesa, algumas associações e representações entre *rock* e drogas, sobretudo em matérias que destacavam os festivais e shows de *rock*. Para tanto, utilizamos materiais dos jornais brasileiros *Jornal do Brasil* e a *Folha de S. Paulo* e dos jornais lisboetas *Diário de Notícias* e *Diário Popular*, assim como dois relatórios dos órgãos de investigação de ambos governos.

Destaco que não é meu objetivo, tanto neste texto quanto no pós-doutorado, discutir a questão das drogas do ponto morfológico, das consequências físicas e muito menos mental. Não é nosso intuito refletir sobre uma suposta hierarquia quanto às drogas. Quando nos referimos às drogas em nossa fala, estamos falando de um leque de entorpecentes que eram considerados ilegais no período. Fechado o parêntese.

O festival³ Woodstock foi o evento musical mais marcante e importante para o universo roqueiro e viria a se tornar referência e inspiração para várias iniciativas do

² Ver mais em ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo da. *Rock cá, rock lá: a produção roqueira no Brasil e em Portugal na imprensa – 1970-1985*. São Paulo: Intermeios/Fapesp, 2018.

³ “O primeiro ‘festival’ foi criado por Wagner, em Bayreuth, em 1876. E os festivais de música erudita conheceram uma primeira idade de ouro no período do entre guerras, com a criação do festival de Salzbourg, na cidade natal de Mozart. Em relação às músicas populares, os primeiros festivais foram criados na França e nos Estados Unidos logo depois da Segunda Guerra Mundial, a fim de divulgar as novidades jazzísticas da época. Na canção, o primeiro evento de grande porte foi o festival de San Remo, criado na Itália, em 1954. Existe, então, uma história dos festivais de música anterior à década de 1960. Todavia, os anos 60 e 70 são geralmente considerados como o período de ‘nascimento’ dos festivais de música popular” (FLÉCHET, 2011, p. 260).

gênero em vários cantos do mundo, e, já na época, tornava-se símbolo da comunhão, da liberdade, dos ideais de “paz e amor” e de protesto contra a Guerra Do Vietnã⁴. Inicialmente idealizado para se realizar na cidade de Woodstock, o festival ocorreu entre os dias 15 e 18 de agosto de 1969 numa fazenda na cidade de Bethel. Antes dessa iniciativa, já havia ocorrido, por exemplo, o Festival de Monterrey (1967), “uma cidade litorânea no sul da Califórnia que foi entronizada como capital do *rock* durante três dias” (MERHEB, 2012, p. 203), que chegou a atrair cerca de 200 mil frequentadores (FLÉCHET, 2011, p. 261), já Woodstock atrairia o dobro de frequentadores em relação ao festival de Monterrey. Devemos considerar também outro fator importante de divulgação e recepção do festival, a TV. Em pleno domingo de 18 de agosto de 1969, os espectadores tiveram a oportunidade de acompanhar o evento. De acordo com a pesquisadora francesa Fléchet, é importante destacar não só o público presente nos festivais⁵, mas “considerar as pessoas que assistiram aos shows pela televisão. A partir dos anos 60, as possibilidades técnicas de transmissão multiplicaram o impacto dos festivais, que foram vistos ao mesmo tempo em vários países do mundo (seja em parte, seja na totalidade)”. Fléchet (2011, p. 261) ainda destaca que as inovações e as transformações técnicas televisivas “deram um novo impulso aos festivais que ganharam visibilidade no nível internacional e contribuíram para a criação de uma nova cultura jovem, além das fronteiras culturais tradicionais”.

Alguns ingredientes e temperos fizeram parte e se misturavam ao caldeirão dos festivais, como contracultura, rebeldia, *hippies*, aglomeração de jovens, entretenimento, lazer, *rock* e drogas. Sim, as drogas. É importante frisar que o consumo das drogas por uma parcela de frequentadores foi um fato, uma realidade que ocorreu em alguns festivais de *rock*. No entanto, associar pejorativamente festivais às drogas, desqualificar esse estilo de música e amalgamar a relação entre *rock* e drogas são notas fora do diapasão. Proibir os eventos roqueiros, por exemplo, como ocorreu devido a esta suposta associação, foi supostamente o meio mais prático e fácil para as autoridades do que refletir os porquês de tais práticas, sobretudo coibir os festivais. Será mesmo que foi pelo suposto motivos

⁴ Sobre o Festival Woodstock e seus desdobramentos, inclusive incidentes e os problemas ocorridos, ver MERHEB, 2012.

⁵ Vale destacar que a pesquisadora em seu artigo não trata apenas dos festivais de *rock*, mas se ocupa de vários estilos e gêneros da música popular.

das drogas que alguns festivais foram proibidos, por exemplo no Brasil, como o festival Halleluay durante o regime militar? Mais do que proibir, as associações constantes entre *rock* e drogas são representações que circulavam e circulam no imaginário coletivo. Os jornais criam produtos e representações no mundo social, e essas representações, como toda representação, estão em disputas na construção da realidade (BOURDIEU, 1989, p. 9). E muitas vezes, essa uma mistura “exótica” não era bem quista para muitas autoridades de vários países, tanto os que eram considerados democráticos quanto em nações que viviam em regimes ditatoriais.

Vejamos algumas notas, matérias, reportagens e manchetes a respeito da construção/associação entre festivais/shows de *rock* e drogas nas páginas da imprensa brasileira e portuguesa.

Folha de S. Paulo, 1º. de janeiro de 1970, Brasil. “Um morto e muitos presos no festival de *rock*”. As primeiras linhas destacavam “um morto, quarenta e sete detidos, um corte de energia devido a uma falha no sistema elétrico, um espetáculo cancelado e prejuízos financeiros foi o saldo do festival de “Rock Miami-Hollywood” (*Folha de S. Paulo*, 1/1/1970). Segundo a matéria, o chefe da Polícia do Condado de Broward, Ed Satck, declarou que a maioria dos presos no festival foram por posse de drogas.

Já a edição da *Folha de S. Paulo*, de 16 de janeiro de 1970, trazia a matéria “Drogas nos EUA: nova religião para milhares de jovens”. Com uma foto do de Bob Dylan e a legenda “Bob Dylan, cantor dos prazeres da droga, das maravilhas artificiais ‘inacessíveis ao resto dos homens’”, a matéria sobre o consumo de drogas entre jovens destacava que mais de 90% dos 400 mil jovens que participaram do festival de Woodstock “fumavam abertamente maconha, enquanto seus ídolos cantavam as maravilhas dos paraísos artificiais, maravilhas inacessíveis ao ‘resto dos homens’, como lembra uma canção de Bob Dylan”. A matéria ainda destacava que os cantores e músicos roqueiros eram os grandes “sacerdotes da nova religião a cantarem a erva mágica” (*Folha de S. Paulo*, 16/1/1970).

Em Portugal, que vivia sob o governo de Marcelo Caetano, sucessor de António Oliveira Salazar, o jornal *Diário de Notícias*, publicou um pequeno editorial da seção “Vidas Artísticas” intitulado “Um festival de underground music”, em 10 de janeiro de 1970, ocorreria em Olympia de Paris. Após tecer em poucas linhas os estilos das bandas

que passariam pelo festival, o editorial do jornal português registrava acidamente sua opinião a respeito do evento e sobre uma parcela dos fãs de *rock*, alcunhada, pejorativamente, “vagabundos”:

Este tipo de música está em voga entre os “hippies” e afins. Para os ouvir, esses vagabundos dos negros dias fazem longas peregrinações, assentam arraías ao ar livre, e ali se quedam entre nuvens de “marijuanas” e de incenso (*Diário de Notícias*, 10/01/1970).

Em 14 de abril de 1970, em sua seção “Vida artística”, o *Diário de Notícias* trazia o seguinte editorial denominado “Nota de abertura”: “O fim dos Beatles”. Embora não se relacione com festivais e shows estritamente de *rock*, o editorial do caderno cultural não desperdiçou a oportunidade de relacionar a expansão do consumo de drogas entre os jovens com o *rock*, no caso em tela, os The Beatles. Após detalhar algumas “influências” culturais e comportamentais dos músicos ingleses, o periódico comentou sobre a contribuição dos Beatles em relação a generalização do uso das drogas, bem como destilou, no mínimo, fortes, preconceituosas e ácidas críticas à Yoko Ono, companheira de Lennon.

Contribuíram para generalizar, entre a gente moça, outras práticas mais perigosas como o uso das droga. [...] John Lennon, o autor das letras, casou-se com esse horror oriental que dá pelo nome de Yoko Ono e consagrou-se ao pacifismo (*Diário de Notícias*, 14/4/1970).

Após vermos algumas notas ácidas e algumas associações, vejamos dois casos específicos de festivais em Portugal e Brasil.

Vale destacar primeiramente as reflexões de Marcos Napolitano a respeito dos festivais de MPB no Brasil. “Capacidade de aglutinação de pessoas em torno dos eventos musicais era uma das preocupações constantes dos agentes da repressão (NAPOLITANO, 2004, p. 105, *apud* SAGGIORATO, 2008, p. 19). Embora Marcos Napolitano esteja comentando sobre os festivais de MPB, suas reflexões sobre a “capacidade de aglutinação” dos eventos e festivais, permite-nos refletir sobre a aglomeração de pessoas/espectadores em festivais de *rock*.

E no ano de 1971 ocorreu o primeiro grande e marcante festival de *pop rock* em Portugal. Em agosto de 1971 ocorria o Festival de Vilar de Mouros inspirado na

experiência de Woodstock. Organizado pelo médico António Barge, o Festival de Vilar de Mouros ocorreu nos finais de semana entre os dias 31 de julho a 15 de agosto. O primeiro fim de semana foi dedicado à música erudita e, no encerramento, dias 14 e 15 de agosto, apresentaram-se Duo Ouro Negro e a cantora de fado Amália Rodrigues. Apresentou-se também Elton John (este como a grande estrela do evento) e bandas portuguesas.

O festival ocorreu durante o regime do Estado Novo sob o governo de Marcelo Caetano. Integrantes da Direção Geral de Segurança (DGS), antiga Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), e um pelotão da Guarda Nacional Republicana (GNR) marcaram presença no festival⁶. No relatório de um informante disfarçado no festival é possível perceber algumas notas sobre o comportamento do público e a preocupação do agente quanto à manifestação política. Como por exemplo, o uso de entorpecentes é constante e perigoso. Casais fazendo sexo em barracas e bandeiras vermelhas e alguns supostos gritos comunistas.

Já no Brasil, o caso do Hollywood Rock. Nelson Motta foi organizador do primeiro Hollywood Rock que ocorreu no início de 1975, na cidade do Rio de Janeiro. O cartaz oficial dos shows roqueiros da época anunciava “demorou, mas pintou”, e divulgava os espetáculos de música como “o primeiro grande evento do *rock* brasileiro”. Durante quatro sábados, o festival contou com atrações nacionais como Raul Seixas, Mutantes, Veludo, O Terço, O Peso, Vímana, Erasmo Carlos, Celly Campello e Rita Lee & Tutti Frutti.

O mesmo Festival Hollywood Rock foi objeto de espionagem por meu membro do regime militar. E a preocupação do agente com as drogas e o resultado dessa relação marcou as tintas de seu relatório. Aliás, a tal chamada “doutrinação” comunista e obsessão dos agentes do regime militar brasileiro com o fantasma do comunismo tão presente e real na época – que parece ter voltado com força e vigor nos últimos anos – foi uma marca do relatório do agente.

⁶ A DGS foi criada no governo de Marcelo Caetano para substituir a antiga Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). Segundo Kenneth Maxwell (1999, p.58), “a infame polícia secreta (PIDE) passou a chamar-se DGS. A censura recebeu o nome de “exame prévio”.

O Relatório 002, emitido em fevereiro de 1975 pelo DOPS da Guanabara, conclui que o Festival *Hollywood Rock*, produzido por Nelson Motta, era uma grande celebração da “atração ilegal”. O informante conta que, depois do show dos Mutantes, “a maioria dos jovens fez uso de cigarros, pelo modo com o qual os manipulavam, dava a nítida impressão de tratar-se de maconha”. Segundo o comissário Deuteronômio Rocha dos Santos, o evento servia para o “aliciamento, envolvimento e dependência química da juventude, tornando-a escrava da droga para, mediante chantagem e comprometimento, formá-la como novos informantes e agentes fiéis do comunismo” (*Super Interessante*, novembro de 2004, *apud* SAGGIORATO, 2008, p. 93).

A maconha para o agente da ditadura militar era um meio – ou uma ponta – para o aliciamento e dependência dos jovens, tornando-os escravos da droga e em fiéis agentes da ideologia da foice e do martelo. Sendo assim, os jovens, ao fumarem maconha, não teriam, por alguns momentos, apenas os olhos vermelhos, mas seriam fielmente membros da ideologia da bandeira vermelha.

Obviamente que nem toda matéria dos periódicos buscavam relacionar *rock* com drogas. Vários jornalistas como o próprio Nelson Motta e Carlos Gouvêia, por exemplo. Para efeito prático, basta ler também a matéria de Jorge Ribeiro, publicada, em 27 de agosto de 1970, no jornal *Diário Popular*. Por fim, vale destacar a matéria de Júlio Hungria, do *Jornal do Brasil*, em uma coluna intitulada “Rock permitido”, em que resume muito bem a discussão e a falsa associação/representação entre *rock* e drogas. Segundo Júlio Hungria, o Parlamento inglês organizou uma comissão, chefiada por Denis Stevenson, do Ministério do Meio Ambiente, para “investigar os chamados festivais pop, a multidão que eles reúnem e os males e possíveis benefícios que causam”. O caso ficaria conhecido como Relatório Stevenson.

O relatório refutava todas as acusações como improcedentes: o problema da droga existe independente de festivais, e “há mais violência numa partida de futebol que num show pop”. “O público desses espetáculos é calmo e ordeiro, e jamais quebrou uma janela dos trens que o transportam, ao contrário dos fãs de futebol” (*Jornal do Brasil*, 05/09/1973).

Alguns jornalistas, como Nelson Motta e Gouveia, partiram da mesma retórica e comparação do jornalista Júlio Hungria.

Por fim, vale destacar que os festivais foram formas e locais de divulgação, propagação e catalisação de expressões de comportamento jovem e de sociabilidade. As frequentes representações acerca da relação intrínseca entre *rock* e drogas, como um caráter irrevogável e imutável, também foram formas de não viabilizar qualquer evento musical da espécie. O fato de noticiar e associar festivais/*rock* com drogas foi uma construção perigosa e maléfica para o estilo musical. Fato que, as drogas, como já dissemos, estavam presentes nos festivais.

Conforme já destacaram e rechaçaram alguns críticos, o problema e a discussão das drogas não é da ordem musical, mas social e comportamental que a sociedade precisava e precisa refletir. Como bem destaca o relatório denominado como Steverson, a questão das drogas existe independente dos festivais e do *rock*. É importante destacar que nem toda matéria e jornalista, como vimos, buscou representar *rock* com drogas. O que buscamos refletir neste texto, foi justamente as disputas em torno de representações acerca do rock e festivais durante os períodos de regimes autoritários em Portugal e Brasil.

Em muitos aspectos, tal aglomeração era espaço político, de reivindicações e críticas às autoridades, sobretudo em regimes autoritários. Como destaca Marcos Napolitano, a “capacidade de aglutinação de pessoas em torno dos eventos musicais era uma das preocupações constantes dos agentes da repressão” (NAPOLITANO, 2004, p. 105, *apud* SAGGIORATO, 2008, p. 19). Reflexão que pode ser corroborada pela memória do jornalista Nelson Motta, “os militares tinham pavor de que os presentes pudessem gritar “abaixo a ditadura” durante o show e aquilo virasse um comício. Não queriam ajuntamento. E o nosso objetivo era exatamente este: ajuntamento em um festival de rock” (CLEMENTE, 2008, p.45-46). Em Portugal, a preocupação de um agente da DGS com o comportamento social e moral, como atos sexuais e uso de entorpecentes, como o anseio de protestos políticos deram a tônica de seu relatório. Conforme Ana Rocha e Fernando Rodrigues (1983, p. 20), aproveitava-se em terras lusitanas, no período ditatorial, os momentos de grande reunião de pessoas “para se distribuir propaganda antiregime, anticolonialista. Os concertos correspondiam a momentos de libertação de uma grande tensão vivida por uma geração mais enquadrada em esquemas repressivos do que a actual geração (...)”.

Outro ponto a ser destacado sobre a função social dos festivais e grandes shows, diz respeito ao entretenimento, de lazer e diversão. Muitos eventos eram, principalmente para a parcela jovem presente, um mecanismo de aproximação, de reconhecimento e pertencimento enquanto grupo social. Como destacam Ana Rocha e Fernando Rodrigues (1983, p. 23),

Na medida em que a música é uma linguagem, ela é também um instrumento de solidariedade social. E como se trata de um sistema de signos onde se inclui também a afectividade e a empatia, a solidariedade que ela realiza é ainda maior. Ela é facto de coesão social que funciona durante o concerto, paralelamente a outros factores de coesão – nível de ordem sócio-afetiva, atractivo de um fim comum, atractivo da pertença ao grupo, jogo de afinidades pessoais, etc”.

Destacamos outro ponto importante. Em tempos de ditadura, repressão política, ao corpo, ao comportamento, enfim, à cultura, os festivais e tudo que girava em torno dos eventos, inclusive, o uso de entorpecentes por uma parcela de espectadores, eram válvulas de escape da vida cotidiana, uma fuga da realidade. Novamente nos alicerçamos nas reflexões de Ana Rocha e Fernando Rodrigues (1983, p. 10-11),

A função de evasão da realidade (todos nós sentimos a necessidade de fuga a uma situação social constrangedora) é uma das primeiras respostas que encontro, quando tento esclarecer a função dos espetáculos (no sentido funcionalista do termo): Que necessidade satisfazem? Para que servem? – As respostas seguintes vão numa linha muito complementar à sua primeira – o espetáculo actua como uma compensação feérica de um dia-a-dia monótono; funciona ainda como distração e alheamento relativamente às preocupações.

Como bem reflete Ana Rocha e Fernando Rodrigues (1983, p. 20),

os concertos se constituíam sobre pólos de reivindicações específicas – luta contra a autoridade, contra a hierarquia, contra o conservadorismo, contra o conformismo; a exigência de liberdade sexual; reivindicações de criatividade, de prazer, de direito ao imaginário; avanço da contracultura; enfim, uma recusa geral do culto da produção-consumo, do trabalho, tudo isto a favor de uma “arte de viver”.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

CHACON, Paulo. *O que é rock*. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos).

CHARNAY, Amélie. *Le festival de Salzbourg et l'identité autrichienne (1917-1950)*. Tese de doutorado em historia. Paris: Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne, 2011.

ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo da. *Rock cá, rock lá: a produção roqueira no Brasil e em Portugal na imprensa – 1970-1985*. São Paulo: Intermeios/Fapesp, 2018.

FLÉCHET, Anaïs. *Por uma história transnacional dos festivais de música popular. Música, contracultura e transferências culturais nas décadas de 1960 e 1979. Patrimônio e Memória (UNESP)*, v. 7, n. 1, p. 257-271, jun. 2011.

FRIEDLANDER, Paul. *Rock and roll: uma história social*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MAXWELL, Kenneth. *A construção da democracia em Portugal*. Lisboa: Presença, 1999.

MERHEB, Rodrigo. *O som da revolução: uma história cultural do rock, 1965/1969*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MUGGIATI, Roberto. *Rock, o grito e o mito: a música pop como forma de comunicação e contracultura*. Petrópolis, Vozes, 1981.

NAPOLITANO, Marcos. *Os festivais da canção como eventos de oposição ao regime militar brasileiro (1966-1968)*. In: REIS, Aarão et al. *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru: EDUSC, 2004.

ROCHA, Ana; RODRIGUES, Fernando Peres. *Rock Stars: cinco anos de rock em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1983.

SAGGIORATO, Alexandre. *Anos de Chumbo: rock e repressão durante o AI-5*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Programa de Pós-Graduação em História, Passo Fundo, 2008.